

Organizadores:

**Carlos Ventura Fonseca
Camille Johann Scholl
Gláucia Helena Motta Grohs**

ESTÁGIOS DE DOCÊNCIA NA UFRGS (2017-2023):

**EXPERIÊNCIAS E PERSPECTIVAS
DE NOSSAS LICENCIATURAS**



Organizadores:

Carlos Ventura Fonseca
Camille Johann Scholl
Gláucia Helena Motta Grohs

ESTÁGIOS DE DOCÊNCIA NA UFRGS (2017-2023):

**EXPERIÊNCIAS E PERSPECTIVAS
DE NOSSAS LICENCIATURAS**



1.ª Edição - Copyrights do texto - Autores e Autoras

Direitos de Edição Reservados à Editora Terried

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte.



O conteúdo dos capítulos apresentados nesta obra são de inteira responsabilidade d@s autor@s, não representando necessariamente a opinião da Editora.

Permitimos a reprodução parcial ou total desta obra, considerado que seja citada a fonte e a autoria, além de respeitar a Licença Creative Commons indicada.

Conselho Editorial

Adilson Cristiano Habowski - ***Currículo Lattes***

Adilson Tadeu Basquerote Silva - ***Currículo Lattes***

Alexandre Carvalho de Andrade - ***Currículo Lattes***

Anísio Batista Pereira - ***Currículo Lattes***

Celso Gabatz - ***Currículo Lattes***

Cristiano Cunha Costa - ***Currículo Lattes***

Denise Santos Da Cruz - ***Currículo Lattes***

Emily Verônica Rosa da Silva Feijó - ***Currículo Lattes***

Fabiano Custódio de Oliveira - ***Currículo Lattes***

Fernanda Monteiro Barreto Camargo - ***Currículo Lattes***

Fredi dos Santos Bento - ***Currículo Lattes***

Guilherme Mendes Tomaz dos Santos - ***Currículo Lattes***

Leandro Antônio dos Santos - ***Currículo Lattes***

Lourenço Resende da Costa - ***Currículo Lattes***

Marcos Pereira dos Santos - ***Currículo Lattes***

Diagramação:

Editora TerriED

Revisão:

dos organizadores.

Capa:

Eduarda Johann Scholl

CAPÍTULO 2

ENSINO DE SOCIOLOGIA: PARA A FORMAÇÃO DO NOVO, É FUNDAMENTAL NARRAR A SI

Rosimeri Aquino da Silva¹

Doi: 10.48209/978-65-84959-42-1

NOTAS INTRODUTÓRIAS

Na contemporaneidade, transitamos por tempos pandêmicos² onde diferentes formas de sobrevivência, não só da espécie humana, são colocadas em discussão e também tempos de novo capitalismo. A pandemia de COVID-19, além das mais de 700 mil vidas ceifadas, impactou de sobremaneira diversas dimensões da vida social brasileira, entre elas, a educacional: aulas presenciais foram canceladas, calendários suspensos, sistemas de ensino à distância foram adotados, medidas essas que acabaram contribuindo para a evidência da desigualdade educacional vigente em todo o país. Em termos usuais, nos estudos das ciências humanas contemporâneas, vivemos tempos de neoliberalismo, onde ocorre não só uma reestruturação dos domínios econômicos, “mas uma reelabo-

1 FACHED/DEC. Atua no Curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

E-mail da autora: rosimeriaquinodasilva@gmail.com, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0563956607645141>

2 Ver: Cientistas Sociais e o Coronavírus. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/217998>. Acesso em: 21 ago. 2023. Ver sobre a Pandemia de COVID-19 no Brasil. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pandemia_de_COVID-19_no_Brasil. Acesso em 21 ago.2023

ração e redefinição das próprias formas de representação e significação social.” (SILVA, 1996, p.102). Assiste-se a emergência de novas conflitualidades sociais, de pluralidades de problemas, e sobre eles pesam definições de um novo normal. Questiona-se sobre essa nova normalidade, sobre quais seriam, de fato, seus ineditismos. E, nesse trajeto, *o pensamento crítico pode ser um bom acompanhante*³, como afirmou uma professora de sociologia de uma escola onde um estudante de Licenciatura em Ciências Sociais realizou seu estágio de docência. Pois, nessa acepção, é fundamental permanecermos atentos à imediatez de compreensões sobre a cotidianidade, que naturalizam relações sociais onde, por exemplo, crueldades são justificadas, seja em nome da segurança de todos aqueles que dela seriam seus reais mercedores, seja em nome da boa saúde da economia e do mercado.

O estudo das diferentes formas de conflitualidade social, assim como a busca da compreensão de suas dinâmicas e possibilidades de mutações ou permanências, são tarefas do conhecimento sociológico. Nas cadeiras do Estágio de Docência em Ciências Sociais I e II⁴, são realizados encontros de orientação e discussão sobre aspectos pertinentes para a realização das aulas, entre eles: metodologias, didáticas e conteúdos abordados. No presente ensaio, procura-se pensar sobre o conhecimento sociológico vigente na educação básica, a partir de narrativas de professores de sociologia do Ensino Médio⁵, elaboradas na interlocução com os estagiários, e sobre suas possíveis contribuições para a formação de novos professores de sociologia.

3 As falas dos informantes estão grafadas em itálico.

4 Disciplinas de Estágio de Docência em Ciências Sociais I e II (FACED/DEC/UFRGS).

5 O presente texto deriva do projeto de pesquisa FORMAÇÃO DOS PROFESSORES E ENSINO DA DISCIPLINA DE SOCIOLOGIA NO RIO GRANDE DO SUL E SANTA CATARINA. A pesquisa busca dados qualitativos que ilustram a importância da questão da formação e atuação dos professores de Sociologia no ensino médio, considerando a realidade do ensino da Sociologia no país e no RS.

TRILHAS DA INVESTIGAÇÃO

Com vistas à realização do objetivo acima referido, são analisadas duas cadeiras de Estágio de Docência do curso de Licenciatura em Ciências Sociais, Estágio de Docência em Ciências Sociais I e II, voltadas à formação de futuros professores que irão atuar com a disciplina de sociologia, no Ensino Médio. Faz-se uso de relatos da experiência docente de professores que atuam em escolas do ensino básico como supervisores dos alunos estagiários, de relatórios produzidos pelos estagiários, no período de 2017 até 2022 e da leitura de materiais didáticos utilizados na referida cadeira: vídeos e textos estudados. Utiliza-se para análise desses materiais estudos do campo de ensino das Ciências Sociais, argumentos de Brown (2018; 2019) e Silva (1996) sobre o contexto neoliberal e a sociologia de Pierre Bourdieu, na referência, especialmente, a reflexividade das Ciências Sociais. Cabe ressaltar que a dinâmica de ingresso nas escolas para a realização do estágio de docência envolve a observação, o diagnóstico do ambiente escolar, e relações dialógicas entre os professores das escolas e os estagiários, nos quais são elaboradas estratégias, cronogramas planejamentos, entre outras ações, com vistas à prática do ensino propriamente dito. Os alunos estagiários elaboram relatórios, eles são apresentados nos encontros teóricos da turma de estágio e são feitas discussões em torno das situações narradas. Desses documentos foram extraídos fragmentos ilustrativos das assertivas trabalhadas no presente texto, eles compõem os dados primários desse trabalho.

A partir dessa investigação, são elencados três pontos, organizados como assertivas, na medida em que elas se deram de forma recorrente nas narrativas dos professores supervisores, no que tange às suas experiências docentes: 1) nada é estático no percurso da sociologia no Ensino Médio; 2) não são raras as resistências a um conhecimento que pode nos convidar a radicalidade; 3) é de fundamental interesse para os docentes a busca do fortalecimento profissional, pois as práticas que unem novos e antigos educadores da escola básica brasileira são mais importantes do que àquelas que os separam.

NADA É ESTÁTICO NO PERCURSO DA SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO

Os alunos estagiários concordam que a interlocução com os professores experientes que atuam nas escolas de Ensino Médio, é fundamental nessa etapa de suas formações e muitos consideram que esse contato deveria ter se dado durante toda a Licenciatura e não só no final do Curso. A vivência prática desses professores coloca os estagiários em uma nova condição de suas formações, muito embora possam ocorrer discordâncias sobre uma variedade de situações vivenciadas na prática: abordagens de conteúdos, relações com os alunos, organização das instituições escolares, entre outras. Um estagiário pontuou: *-Ao fim tive que concordar com a professora regente das turmas acerca do aspecto da produção em sala de aula. Pedir que se entregue algo ao fim de um período de 36 minutos foi útil para evitar dispersões de toda ordem que, no limite, estão presentes em quase todos os momentos.* Os estagiários consideram que os professores que estão há mais tempo com os alunos, conhecem “os macetes” da profissão, formas de agir diante de situações inusitadas, como trabalhar determinados conteúdos, assim como envolver a turma nas atividades previstas. Embora nem sempre as aulas tenham ocorrido como tinham sido planejadas, um estagiário considera que finalmente conseguiu perder o medo que sentia das salas de aula, ele avalia que as orientações recebidas do professor da escola foram importantes para que isso tivesse acontecido.

Sobre a primeira visita que fez a uma escola, outra estagiária relatou: *O professor de sociologia me encontrou na sala dos professores e me entregou os diários de classe das turmas 101 e 105. Explicou que eu precisaria ter duas notas que totalizariam 50 pontos para o trimestre. Os outros professores ouvindo que eu ficaria com essas turmas comentaram coisas como “entra de sola”, “não mostra os dentes”. Quando o sinal bateu, fui para a turma 101, mas o professor não estava. Entrou em seguida o professor de história de óculos fundo de garrafa. Ele me chamou para eu me apresentar para a turma. Fez “shh” para pedir si-*

lêncio e eu me apresentei rapidamente, perguntando, no final, se tinham alguma pergunta (não tinham, pareciam desinteressados em mim, mas alguém comentou que “ainda bem que não seria aquele velho”). O professor perguntou para a turma se haviam feito seminários, e eles responderam que não. Então ele começou a explicar, meio para mim, meio para a turma, que eles fariam três seminários: de música, fotografia e cinema. Outras avaliações desse semestre seriam trabalho, teste, prova e participação em aula.

Por vezes, os professores supervisores dos estagiários nas escolas narram sobre suas experiências na docência, são feitos questionamentos sobre o porquê das escolhas pelo ofício de professor (direcionados especialmente aos jovens estagiários), e são expressadas diversas queixas sobre os dilemas da educação básica, assim como forma de superá-los. Os estagiários afirmam que isso não é uma atitude comum de todos os professores, muitos se mantêm distantes, atendendo burocraticamente às exigências do estágio. Entretanto, quando há maior proximidade, suas narrativas são de grande valia para os futuros professores.

Um professor disse: *Por que escolhi essa profissão? Não sei se escolhi de maneira muito consciente, pois não pensava em ser professor, a desvalorização do Magistério já era conhecida por todos, mas as coisas foram acontecendo, a Licenciatura, os concursos, quando me dei conta estava em uma sala de aula e não consegui mais sair.* O professor pontua a importância de se buscar qualificação, mestrado, doutorado, abrir os horizontes profissionais, entretanto, deixa claro que o espaço onde ele *mais se realiza*, é o espaço da sala de aula. Nas suas palavras: é obvio que existem muitos problemas, isso é próprio do convívio entre as pessoas em todas as instituições, também as condições materiais podem ser bem complicadas, não sabia que queria ser professor, entretanto, na prática, com os estudantes, fiz essa descoberta, e isso foi muito bom! Outra professora afirma: *a sociologia é fundamental para os estudantes entenderem as dinâmicas sociais de forma crítica, questionando os fatos, entre outros objetivos, eu não daria aula se não acreditasse nisso.*

Nos termos de Bondiá, é possível situarmos as falas desses professores como saberes da experiência, eles dizem respeito ao modo como as pessoas vão

respondendo ao que vai lhes acontecendo ao longo da vida e no modo como dão sentido aos acontecimentos. Ele afirma ainda que “No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece”. (BONDIA, 2022, p.27). Silva e Oliveira (2020, p. 9) compreendem que nas narrativas de professores de sociologia, sobre suas experiências docentes:

Observar, pensar, refletir, relacionar, questionar, interpretar são verbos presentes, de diferentes formas, nessas narrativas, eles compõem suas histórias de vida. Eles também conjugam ações nas quais os professores de sociologia se veem implicados como sujeitos educacionais, mas também políticos. Coincidem, nas suas experiências pessoais, a delimitação de espaços de atuação profissional, em contextos sociais, cujas características são continuamente referidas: desvalorização profissional, desprestígio da educação básica, época de privatizações, busca de novas oportunidades, mudanças comportamentais, emergência de novos sujeitos de direitos”. Os professores informantes apontam, a partir de diferentes argumentos, para a indissociabilidade entre suas histórias pessoais, na qual pesam suas escolhas e trajetórias profissionais, e o contexto social mais amplo.

Para Brown (2019, p.28 e 29) o neoliberalismo alterou a história mundial recente através de suas ideias, instituições, racionalidade política, políticas e financeirização. Habitualmente ele é associado à privatização das propriedades e serviços públicos, redução do Estado Social, desregulação e mordida das relações de trabalho. Silva já observava, num estudo de mais de duas décadas, o papel estratégico da educação no projeto neoliberal. Nesse projeto, ocorre uma intervenção na Educação, objetivando servir aos propósitos empresariais e industriais. Assim, educação institucionalizada é atrelada a preparação para o trabalho, ela deve preparar alunos para a competitividade e proclamar “as excelências do livre mercado e da livre iniciativa” (1996, p.100)

Uma professora, que também supervisionou estagiários da referida disciplina, numa determinada ocasião questionou: *-Sou uma professora ou sou uma colaboradora?* A professora relatou que seu primeiro contato com a discursividade neoliberal se deu em uma faculdade privada, onde ela trabalhou durante os anos de expansão do ensino superior, nas primeiras décadas dos anos 2000.

Esse contato incidiu diretamente na sua “identidade profissional”. Algo a incomodava nas reuniões com direções para além das recomendações usuais sobre produtividade: a forma como novos gestores dirigiam-se ao corpo docente, os professores passaram a ser chamados de colaboradores. O mesmo se dava com outros trabalhadores daquela instituição, outrora denominados como secretários, supervisores, chefes de segurança, faxineiros, vigias, psicólogos, diretor, vice-diretor entre outros. Quase que “*num passe de mágica*”, relata a professora, todos se tornaram colaboradores. Quanto às novas configurações do mundo do trabalho e seus efeitos na educação, Bondiá é claro: “E não deixa de ser interessante também que velhas metáforas organicistas do social, que tantos jogos permitiram aos totalitarismos do século passado, estejam sendo substituídas por metáforas cognitivistas, seguramente também totalitárias, ainda revestidas agora de um *look* liberal democrático”. (BONDIA, 2002, p.22).

Nesse contexto, a instabilidade profissional (assim como em diversas profissões da configuração sócio-histórica da atualidade) marca a história dos professores que atuam com a disciplina de sociologia no Ensino Médio. Um professor, cujo ofício nessa modalidade de ensino data mais de quinze anos, afirmou para um aluno que o procurou para realizar o estágio de docência, no ano de 2021, sob sua supervisão: *-Eu ainda não sei como vão organizar o currículo, não sei o que sobrou para nós, mas isso não é de hoje, sempre estivemos numa corda bamba.* Essa afirmação elucida o argumento de que a sociologia é uma forma de conhecimento disciplinar que apesar de seu caráter científico, respaldado sobretudo em procedimentos metodológicos, em teorizações consolidadas e, também, em novas perspectivas de análise em curso, vêm sendo recorrentemente castigada na forma da imposição incipiente de sua presença, especialmente nos projetos curriculares voltados para a educação básica.

Trata-se de uma condição que não se restringe às recentes reformas da Base Nacional Curricular⁶ ou a atual época de pandemia. As idas e vindas da sociologia no currículo do Ensino Médio, a completa ausência, e a sempre possível diminui-

⁶ Ver Marco Legal, disponível: <https://www.gov.br/mec/pt-br/novo-ensino-medio/marco-legal>. Acesso em 24/03/2022

ção de sua carga horária é uma realidade por demais conhecida pelos profissionais que nela atuam há mais tempo. A luta pelo reconhecimento da importância da sociologia para a formação das novas gerações é histórica! São elucidativos e expressivos os estudos voltados para a compreensão dessa problemática (entre outras publicações, destacam-se: Oliveira, 2014; Oliveira, 2015; Bodart, 2020; Bodart, 2021; Silva, 2014). Esses estudos fortalecem a compreensão do que foi declarado pelo professor acima referido. O estar sempre em uma “corda bamba” parece não fazer referência a uma história de vida individual, a um aspecto autobiográfico singular, mas sim a uma condição coletiva do ofício de professor de sociologia. A intermitência da disciplina na educação básica, nos termos de Oliveira (2016, p.57), tornou-se “sua marca mais substantiva”, uma condição nem um pouco tranquilizadora para os educadores que nela atuam ou que pretendem atuar.

Sentir na própria pele os efeitos da precarização de uma profissão foi outra frase proferida por uma professora supervisora. Ela parece indicar uma condição coletiva, embora a professora faça referência a sua própria experiência: *-Saia de uma turma, entrava em outra, tudo muito rápido, os períodos passavam voando, trabalhava em duas escolas, ônibus lotado, as vezes eu almoçava nesse percurso, outras vezes, não sobrava tempo.*

Somado à narrativa acima, é destacável a afirmativa de um professor informante, na medida em que ela agrega uma compreensão comum, dita de diferentes maneiras pelos demais profissionais: *-É necessário lidar com os múltiplos desafios do ensino de Ciências Sociais, entre eles, o encontro com a vontade de não pensar.* Qual o significado dessa frase? Diz respeito a uma incapacidade pessoal? Diz respeito a um tipo de pensamento? Quem não quer pensar?

Algumas respostas talvez sejam encontradas no reconhecimento de que imperam na nossa sociedade, nas nossas instituições, e na forma de nos organizarmos, relações sociais hegemonicamente pautadas no racismo, nos efeitos do colonialismo e no capitalismo. Esse são exemplos de algumas das pautas do conhecimento sociológico que exigem a radicalidade de um esforço de pensa-

mento. Trata-se de uma tarefa difícil, na medida em que, por exemplo, o elogio a forma capitalista de organização do mundo é naturalizado. Na sua versão neoliberal, a noção de autonomia assume centralidade e é entendida como espaço de liberdade, de oportunidade. Não é incomum uma responsabilização pessoal dos indivíduos frente a ocorrência de eventuais fracassos, sejam eles profissionais, familiares ou educacionais.

Conhecer aspectos reais, determinações sociais que pesam sobre as condições de vida das pessoas, através de conteúdos sociológicos, é uma tarefa difícil e, por vezes, penosa para os educadores, talvez daí decorra a compreensão de que existem grandes dificuldades para o pensamento. Um estagiário relatou que os alunos associam movimentos sociais a alguma coisa negativa, ele expôs a noção de disputa política que envolve essa imputação. Discorreu sobre o Movimento dos Trabalhadores sem Terra, movimentos feministas, movimentos negros, e acredita que os alunos entenderam a noção de trama política e disputas em torno das definições desses movimentos. Ele avalia que deveria ter usado mais recursos didáticos, vídeos, tirinhas, visto que a turma não é muito afeita à participação. Nas suas palavras: *De toda forma, me utilizei de artifícios históricos para posicionar os movimentos sociais como atores políticos capazes de alterar a realidade. Num segundo momento, resgatando o movimento negro como um desses atores, notei certa confusão com a determinação sobre racismo. Nesse sentido, expus rapidamente as diferenças entre racismo, discriminação e preconceito. Falei da ideia de racismo estrutural. A partir desse segundo ato, creio que pude remediar um pouco da monotonia e desinteresse da cena inicial.*

Na cadeira de estágio de docência em estudo, foi apresentado a gravação de um vídeo⁷, onde dois professores, um professor de filosofia e uma professora de sociologia, argumentam sobre o retorno de suas disciplinas, de forma obrigatória, para o Ensino Médio. É um vídeo, por assim dizer, datado. Ele foi veiculado em 29 de abril de 2015, num contexto (o contexto daquele momento) de expansão e

7 Disponível no canal Cidadania | TVE - Ensino de Filosofia e Sociologia nas escolas - 29/04/15 Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=3iovEKEovrI&list=PLEVHKqwu2VEhiCEa6UEp-QLnL-440Ne9bv&index=4> (Acesso em 03/05/2021).

de reconhecimento da importância desses conhecimentos. Os professores entrevistados saúdam os sete anos do retorno de suas disciplinas para a referida modalidade de ensino, visto a obrigatoriedade de suas presenças, a partir de 2008, nos currículos brasileiros, após décadas de ausência⁸. É afirmado que o retorno das disciplinas representa um ganho para a democracia e para a cidadania. Os professores são questionados sobre os avanços e desafios das disciplinas nesse retorno. Eles ressaltam a importância do aprimoramento das dimensões pedagógicas de suas disciplinas, assim como a necessidade de produção de materiais didáticos. Eles consideram que o espaço e o tempo ocupados pelos jovens, durante o Ensino Médio, têm de ser bem aproveitados, e as disciplinas de sociologia e filosofia podem contribuir para isso. Alguns conteúdos sociológicos são referidos, desigualdade social, cidadania, exclusão, e os professores pareciam demonstrar otimismo sobre essa conquista.

Na sequência, ilustrando a descontinuidade da disciplina, os alunos estagiários assistem a uma conferência proferida em março de 2021, pela professora Ileizi Luciana Fiorelli Silva, intitulada: “A Sociologia nos currículos após a Reforma no Ensino Médio e a implantação da BNCC”⁹.

A professora fala de um luto decorrente das mortes causadas pela pandemia, mas, também, de um luto pela disciplina de sociologia no Ensino Médio, na medida em que, com a nova reforma, ocorreu uma dissolução de seus conteúdos na genérica área de ciências humanas e sociais. Nessa reforma, surgem disciplinas como projetos de vida e protagonismo juvenil. Na avaliação da professora, vive-se a dissolução de um projeto de educação que vinha sendo construído agora substituído por esse outro. Não se encontra mais o nome da disciplina no sumário das disciplinas nos livros didáticos, é a carga horária perdida, é a reforma do Ensino Médio! Um projeto de 30 anos que envolveu as artes, a filosofia e a sociologia, na avaliação da professora, foi golpeado a partir de 2016.

8 LEI Nº 11.684, DE 2 DE JUNHO DE 2008: Altera o art. 36 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio.

9 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NRI-rlxkGKA&t=3573s>; Acesso em 24/03/2022.

Os estagiários, a partir da apresentação desses vídeos, argumentam que o ensino de Ciências Sociais, seus conteúdos, metodologias e profissionais que neles atuam não podem ser pensados “fora do contexto social, político e econômico em que ocorre e sem a consideração das políticas educacionais que são formuladas” (SILVA, 2021, p.3). Concluem que *nada é estático* no percurso da disciplina no Ensino Médio, assim como não é o seu objeto de conhecimento, a sociedade e os conflitos que a constituem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que as histórias de vida dos professores, durante a prática de Estágio, podem ser narradas na medida em que são estabelecidas relações dialógicas entre esses professores e os estagiários. É notável o enfoque dado à profissão docente nessas narrativas. A partir dos relatos dos professores, é possível situarmos suas experiências pessoais, no que tange aos seus ofícios na docência, nas derivas próprias à disciplina de sociologia, derivas acirradas no contexto neoliberal. Nessa assertiva, destaca-se a fragilidade da presença da disciplina nas grades curriculares do Ensino Médio.

O ensino de sociologia ocorre, portanto, num espaço social de lutas, o espaço do campo educacional. Nele se antagonizam forças transformadoras e conservadoras. Muito embora se produzam diversos conteúdos, a partir de diferentes perspectivas, essa é uma realidade observada. Caberia à sociologia assumir a responsabilidade da transgressão, da rebeldia frente à passiva aceitação das relações sociais sem reflexão e sem criticidade. Na avaliação de um estagiário, por exemplo: escutar discursos racistas, misóginos, violentos, hierárquicos, fascistas e não se posicionar é da ordem do impensável, a coragem no enfrentamento desses “temas radicais” é fundamental para o ofício de professor de sociologia. Essa avaliação aproxima-se do argumento de Silva (2021, p.20) de que as mudanças

ocorridas no cenário político brasileiro, a partir de 2016, impactaram o ensino de sociologia no Ensino Médio: “O ensino de sociologia amplia-se para além do debate curricular e científico e politiza-se”. Entretanto, é necessário manter-se atento ao destaque de Bourdieu (DA SILVA, 2008) de que, apoiados em um capital de reconhecimento e de competências podemos intervir no campo político sem nos tornarmos políticos, daí decorre a necessidade de nos valermos (ao trabalharmos com os conteúdos sociológicos) do caráter científico das Ciências Sociais, especialmente da sociologia, uma disciplina cumulativa que, assim como outras disciplinas utiliza métodos, estatística, coleta de dados etc.

Na sociologia reflexiva de Bourdieu (2010), há o reconhecimento de que o conhecimento sociológico deve resultar de pesquisa, de uma atividade racional. A pesquisa sociológica é um trabalho científico, ela visa contribuir para o encontro de repostas às demandas do presente. Parte das dificuldades enfrentadas no seu ofício, um fato amplamente relatado por professores atuantes nas escolas, advém da interpretação comum de que os temas sobre os quais ela se debruça, como os referidos anteriormente, são avaliados segundo opiniões pessoais, ela não decorreria de supostas verdades científicas presentes em outros conhecimentos. Essa dificuldade pode advir, em parte, da impermanência, da fragilidade da disciplina, nessa fase da formação, no contraponto com outras disciplinas tidas como fundamentais e que, talvez, jamais tenham corrido riscos de extinção do solo educacional.

De diversas maneiras, os estagiários relatam seus encontros com questionamentos e afirmativas, feitas pelos antigos professores, que podem ser resumidas assim: *Por que você quer ser professor? Você sabe que em algum momento terá que fazer greve, visto a precariedade histórica das condições de trabalho? Há uma “certa onda” de desrespeito e de violência direcionada aos professores. O trabalho docente vive uma perda contínua de legitimidade, o conhecimento, a*

importância, a utilidade dos professores estão sob questionamentos.

Apesar dessas adversidades, os estagiários relatam, a partir de diversos argumentos, que é fundamental fortalecer a disciplina de sociologia no currículo do Ensino Médio, o estudo das relações sociais, seu objeto fundamental, não pode ser compreendido como algo descartável e sem utilidade na formação de novas gerações. Por outro lado, alguns professores supervisores e estagiários parecem concordar com a assertiva de que as práticas que unem educadores da escola básica brasileira (incluindo os estagiários) são mais importantes do que àquelas que os separam. Aqui, ressalta-se a importância da busca de alianças, um tipo de ação que pode parecer estranho frente a imposição hegemônica de uma forma de pensamento que privilegia a habilidade individual, a capacidade pessoal de enfrentar e superar problemas e atingir o sucesso. Como podemos convergir entre tantas diferenças? Quais são as formas de solidariedade que vão sobreviver numa normalidade de mercado, existe espaço para elas? Elaborar narrativas sobre o ofício exercido, no qual se destacam esses pontos, embora advindas de histórias individuais, revela um enarrar-se coletivo, são histórias, por vezes, similares quando envolvem sentidos concernentes ao universo educacional: indignação, resistência, emancipação e coragem.

Um estagiário relata que se despediu da escola e dos alunos com uma sensação de ter feito algo legal e positivo. Ele embarcou no ônibus com a professora que o supervisionou na escola, a professora Bernadete, e eles tiveram a oportunidade de conversar pela última vez durante o caminho. A professora falou coisas positivas sobre a forma como ele conduziu seu estágio, ao mesmo tempo que o aconselhava a buscar outra profissão. Ela falou dos últimos 40 anos da educação básica, das suas reformas e mudanças e o aconselhava a mudar. Passados os estranhamentos e críticas iniciais, ele afirma que hoje tem uma visão diferente da professora Bernadete e considera que teve muita sorte de a conhecer e aprender com sua história.

REFERÊNCIAS

BODART, C. das N.; AZEVEDO, G. C. de; TAVARES, C. dos S. Ensino de Sociologia: processo de reintrodução no Ensino Médio brasileiro e os cursos de Ciências Sociais/Sociologia (1984-2008). **Debates em Educação**, [S. l.], v. 12, n. 27, p. 214–235, 2020. Disponível em: <<https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/8964>>. Acesso em: 22 ago. 2023.

BODART, C.; MARCHIORI, C. DA C. R. Fragmentos da história do ensino de sociologia no Brasil. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 21, n. 1, p. e181, 22 jun. 2021. Disponível em <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/54770>>. Acesso em: 22 ago.2023.

BONDIÁ, J. L. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n.19, pp.20-28, 2002. Disponível em: <Notas sobre a experiência e o saber de experiência (fcc.org.br)>. Acesso em: 18 ago.2023.

BROWN, W. **Cidadania Sacrificial. Neoliberalismo, capital humano, e políticas de austeridade**. Tradução de Juliane Bianchi Leão. Rio de Janeiro: Zazie, 2018. Disponível em: <Pequena_Biblioteca_de_Ensaio_Wendy_Brown_Zazie2018.pdf>. Acesso em: 10 ago.2023.

BROWN, W. **Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente**. São Paulo: Politeia, 2019.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

DASILVA, J. M. Pierre Bourdieu: os mandamentos do intelectual. **Revista FAMECOS**, n. 6(10), p. 07–16, 2008. Disponível em: <<https://doi.org/10.15448/1980-3729.1999.10.3023>>. Acesso em 21 ago. 2023.

OLIVEIRA, A. O Ensino de Sociologia em Debate: entrevista com Amaury Cesar Moraes. **Saberes em Perspectiva**, v. 4, n. 1, p. 239-252, 2014.

OLIVEIRA, A. Um balanço sobre o campo do ensino de sociologia no Brasil. **Em Tese**, v. 12, n. 2, p. 6-16, 2015.

OLIVEIRA, A. O ensino de sociologia na educação básica brasileira: uma análise da produção do gt ensino de sociologia na sbs. **Teoria Social e Educação**, v.11, n.1, p.55-70, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/12253>>. Acesso em 21 ago. 2023.

SILVA, I. L. F. ; GONCALVES, D. N. . A sociologia de volta à escola: um balanço provisório. **Revista de Ciências Sociais** (UFC), v. 45, p. 277-284, 2014.

SILVA, R. N. da. **O ensino de sociologia em tempos de reformas neoliberais: o caso do paraná.** Anais do VII Encontro Nacional de Ensino de Sociologia na Educa o Básica. Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/75688>>. Acesso em: 15 ago. 2023.

SILVA, R. A. da.; OLIVEIRA, A. A experiência da docência em Sociologia: notas de um tempo fugaz. **Revista Tempos E Espaços Em Educa o**, v.13, n.32, p. 1–18, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.20952/revtee.v13i32.12623>> . Acesso em 15 ago. 2023.

SILVA, T. T. da. **Identidades Terminais: as transforma es na política da pedagogia e pedagogia da política.** Petrópolis: Vozes, 1996.